

Sayad recomenda que se adiem os investimentos

Os investimentos de curta maturação devem ser postergados, mas os de longo prazo podem ser mantidos, já que não há nenhuma razão que impeça o crescimento da economia a partir de 88. Este foi um dos conselhos dados ontem pelo ex-ministro João Sayad (atualmente consultor da Sayad, Reichstul & Luna), a mais de cem empresários paulistas. Sayad participava do seminário sobre o Novo Cruzado e suas repercussões no planejamento e gestão empresarial.

Evitando atender à imprensa, Sayad fez, porém, uma análise detalhada do Plano Bresser, no qual diz acreditar, apesar da ameaça de recessão e desemprego. O ex-ministro considera o emprego da tablita indispensável para evitar que os contratos prefixados continuem rendendo juros de 25% ao mês. Em sua opinião, mais séria que as questões do balanço de pagamentos e do déficit público é a questão da inflação, que explica a recessão e a crise atual. Dada a sua característica estrutural, a inflação brasileira, segundo Sayad, só cede diante de choques. Ele prevê para

julho uma taxa entre 3% e 4%, contra um índice de 30% em junho. Sayad define o atual momento como um ajuste que pode perdurar até final do ano.

Na opinião de Francisco Vidal Luna, o período de congelamento de preços será determinado pelo êxito do Plano Bresser no combate à inflação. Se em julho a inflação permanecer na casa dos 3% ou 4%, o congelamento pode ir até final de agosto. Caso contrário o governo deve extinguir com o objetivo de manter uma estabilidade nos 90 dias pós-congelamento. Luna acredita ainda que, neste período, o máximo que pode acontecer com os salários, caso o Plano seja um sucesso, é uma estabilidade.

Para Antoninho Marmo Trevisan, da Trevisan & Associados, a questão fundamental do Plano Bresser é a taxa de juros — "Se uma taxa real de 3% a 4% constrange a formação de estoques, por outro lado não tringe a capacidade de investimento". É por isso que ele também não aconselha investimentos produtivos a curto prazo aos empresários.